

A guetização de Angola

A Capital

18 De Abril de 2009

Um dos grandes defeitos do Governo de José Eduardo Dos Santos é essa estranha mania de agir sempre tarde demais. É uma regra que parece não ter excepção. Tem sido assim, quando o país é assolado por algumas doenças, por catástrofes naturais ou quando fica perante fenómenos sociais de difícil solução. Agora, por exemplo, o Chefe de Estado pôs a correr todos integrantes do sistema atrás de uma questão que deveria merecer atenção tão logo se alcançou a paz: a problemática habitacional.

Só por isso vimos, no princípio da semana, representantes de várias instituições a tentarem convencer-nos de que é possível, em apenas um dia, encontrar soluções para um problema tão velho que já criou barba branca. As intervenções, ouvidas na conferências nacionais sobre a habitação, não soaram convincentes. Dir-se-ia que os próprios governantes não acreditam nas garantias que passaram aos cidadãos. Denotou-se, sobretudo, a costumeira falta de planificação. O que vai acontecer, doravante, em matéria de construção de habitações será uma correria desenfreada que em nada vai ajudar na perspectiva de criação de zonas habitacionais de elevado padrão de dignidade. Uma habitação condigna não se pode restringir às quatro paredes que a compõem, mas compreende todo um conjunto de bem feitorias sem as quais, não importa a dimensão ou a beleza da casa, não se poderá falar de qualidade de vida. Fala-se, fundamentalmente, de infra-estruturas. Desde as condições para o saneamento básico, passando por serviços como a distribuição de água potável e electricidade, até à instalação de instituições públicas, há uma série de condições imprescindíveis para que um assentamento habitacional seja considerado de qualidade. Fora disso, tratar-se-á, simplesmente, de um gueto.

Criar infra-estruturas não é tarefa fácil, e a experiência angolana comprova-o. Entre nós, o melhor exemplo de um bairro devidamente equipado é o de Talatona. Porém, esta zona testemunha como a disposição de infra-estruturas de qualidade acaba por encarecer o custo, por metro quadrado do terreno. Tentativa de implantar infra-estruturas, mais barata que a de Talatona, resultaram em tremendo desastre. Os exemplos dos bairros Neves Bendinha, no Kilamba Kiaxi, e Terra Nova, no Rangel, são a prova disso. Antigas zonas populacionais de alguma qualidade foram, simplesmente, transformadas em verdadeiros quetos. A intervenção que se fez nas redes de esgoto e de água potável destruiu, por completo, a dignidade daquelas circunscrições.

A conferência sobre a habitação deixou no ar um risco deveras grande. Só o Governo sabe, e não deixou claro no evento, como vai tornar exequíveis as suas promessas, mesmo estando, reconhecidamente, a enfrentar uma crise. Com que dinheiro se vai construir as residências ou implantar redes de esgotos, de estradas, de electricidade e de água potável numa altura de revisão, para baixo, do Orçamento Geral do Estado e, ainda, dos programas de investimento público? É importante que as soluções existam. Mas, acima de tudo, é importante que elas não signifiquem, necessariamente, a criação de mais Panguila e de outros tantos Zangos. Não há qualidade de vida nem num, nem noutro bairro. São autênticos guetos. E espalhar, pelo país, bairros iguais seria uma guetização generalizada. Pressionado, como parece, pelas promessas eleitorais, Eduardo dos Santos deve, todavia, agir com a razão, evitando uma política habitacional contrária aos princípios de sã convivência social, onde se colocam os ricos e poderosos em sumptuosas mansões, em condomínios cercados de muros altos feitos de betão armado, e os pobres em residências completamente carentes de conforto. Se for esta a ideia da construção das tais de um milhão de casas, então não devemos aceitar esse presente envenenado.